



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**MÔNICA DO CONSELHO CORREIA**

**A AFETIVIDADE PARENTAL E O TEMPO DE QUALIDADE: CONTRIBUIÇÕES  
PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

**Salvador**

**2025**

**MÔNICA DO CONSELHO CORREIA**

**A AFETIVIDADE PARENTAL E O TEMPO DE QUALIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA  
O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador, como um dos requisitos obrigatórios para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Eurides Simões Soares Hide.

**SALVADOR**

**2025**

Crianças com autoestima elevada estão dispostas a correr riscos para aprender coisas novas, porque elas não têm medo de errar. Então a autoestima as ajuda a fazerem coisas novas, mesmo que elas não tenham sucesso. Na maioria das vezes, as crianças não acertam, as crianças erram muito. Como adultos devemos tentar entender como é ser uma criança. Elas tentam subir no sofá, mas o sofá é alto demais; elas tentam se alimentar sozinhas e a comida cai. Então nós temos que aumentar a autoestima delas pra que se sintam bem e continuem tentando, até serem bem-sucedidas.

(MELTZOFF, 2016)

## AGRADECIMENTOS

Costumo dizer que cada pessoa que torna a nossa vida melhor é a própria sorte personificada. Tomando por princípio esse pensamento, posso me vangloriar da imensurável sorte que me acompanha – companheira de longa data – e que estimo que nunca me falte.

Costumo repetir também sobre a potência dos encontros, sobre o quanto é fascinante perceber como um pequeno gesto, algumas poucas palavras, têm o poder de mudar o rumo de uma vida inteira, muitas vezes sem que sequer nos demos conta desse efeito.

Eu não teria conseguido sem a minha sorte, sem os incontáveis encontros pelo caminho. Desconheço uma expressão que possa traduzir o quanto sou grata a cada um que, direta ou indiretamente, fez parte dessa caminhada. Então, serei breve – contrariando a minha natureza.

Minha gratidão à Nadjak, que sonhou junto comigo, de quem recebi o primeiro livro de Psicologia antes mesmo de fazer a matrícula e que me acolheu em todos os dias de crise. À vó Lili, sempre afetuosa e motivadora. Ao vô Raimundo, que sempre encontra uma forma de expressar seu afeto, apesar da introversão. À tia Marleide, com quem sempre pude contar incondicionalmente – uma segunda mãe.

À Isis, Wilton e Luciano, que tornaram esse processo tão prazeroso, com todas as nossas incontáveis – e sempre saudosas – trocas na Ágora. Especialmente ao Luciano, que, além de um grande amigo, tornou-se meu condutor na caminhada acadêmica.

À Magnonete, com quem aprendi muito – na vivência – sobre amor, generosidade e gratidão. E a Janette por iluminar os meus caminhos.

Ao professor João, por toda a humanidade e leveza com que transmite seu conhecimento, a quem tive a honra de ter também como supervisor. À minha orientadora, Eurides, que não me deixou desistir, que provocou e orientou: muito obrigada!

E, finalmente, à Dona Neide, que incansavelmente acreditou em mim e me apoiou em todos os momentos – até mesmo naqueles em que nem eu mesma cria –, independente de quanto lhe custasse. Sem a qual, por incontáveis motivos, esse sonho não seria possível. Minha profunda gratidão por, mais uma vez, me presentear com a vida. Amo você, mãe!

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar de que maneira a afetividade parental, manifestada especialmente por meio do tempo de qualidade, do incentivo e do reconhecimento, contribui para o desenvolvimento cognitivo de crianças na primeira infância. A pesquisa foi realizada por meio de uma revisão integrativa da literatura, com base em 13 artigos científicos publicados entre 2015 e 2025, selecionados em bases indexadas como SciELO, PePSIC e o Portal de Periódicos da CAPES. Como referencial teórico, foram utilizados autores clássicos da Psicologia do Desenvolvimento, como Bowlby, Vygotsky, Wallon, Bandura, Bee e Boyd, além do documentário *O Começo da Vida* (2016). Os resultados apontam que crianças que recebem atenção afetiva consistente por parte dos cuidadores desenvolvem melhor autoestima, segurança emocional e habilidades cognitivas, como memória, atenção e linguagem. A ausência de vínculo seguro e a negligência afetiva – incluindo a exposição excessiva a telas – podem prejudicar significativamente o desenvolvimento global da criança. Destaca-se ainda o papel do brincar como mediação afetiva essencial no processo de aprendizagem. Conclui-se que práticas parentais afetivas e responsivas são determinantes para o desenvolvimento cognitivo saudável na primeira infância, o que reforça a necessidade de ampliar o debate sobre políticas públicas, práticas educativas e orientações familiares fundamentadas em vínculos afetivos seguros.

**Palavras-chave:** desenvolvimento infantil; pais; relação parental.

## SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO</u>	7
<u>2 AFETIVIDADE PARENTAL E RELAÇÕES DE APEGO</u>	9
<u>3 MEDIAÇÃO AFETIVA E ESTÍMULOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO</u>	11
<u>4 METODOLOGIA</u>	12
<u>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</u>	15
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	19
<u>REFERÊNCIAS</u>	21

## 1 INTRODUÇÃO

A primeira infância, especialmente os primeiros seis anos de vida, representa uma fase crítica para o desenvolvimento humano. Durante esse período, aspectos cognitivos, emocionais e sociais passam por um processo intenso de maturação, sendo profundamente influenciados pelas experiências vivenciadas no ambiente familiar. Nesse contexto, a presença de vínculos afetivos seguros, estímulos consistentes e interações responsivas com os pais ou responsáveis adquire um papel central na formação das bases cognitivas e emocionais da criança.

Estudos apontam que o desenvolvimento cognitivo infantil não se dá de maneira isolada, mas é construído por meio das relações estabelecidas com o outro, principalmente com os adultos que desempenham funções parentais. O modo como esses adultos interagem, estimulam, reconhecem e encorajam as crianças no dia a dia pode favorecer – ou comprometer – o seu potencial de aprendizagem, a autonomia e a percepção de si mesma no mundo (Bee & Boyd, 2011; Vygotsky, 1998; Bowlby, 2002).

No campo da Psicologia do Desenvolvimento, autores como Vygotsky (1998), Wallon (2007) e Bowlby (2002) destacam a importância das interações afetivas no processo de construção do conhecimento e da segurança emocional. Esses vínculos, quando pautados pela empatia, reconhecimento e disponibilidade, não apenas fortalecem o senso de pertencimento e autoestima da criança, como também ampliam suas possibilidades de desenvolvimento cognitivo. A esse respeito, Mahoney e Almeida (2011) ressaltam que a afetividade é um eixo organizador da personalidade em Wallon, sendo essencial na mediação entre emoção e inteligência.

Ao se considerar que o brincar, o diálogo, a escuta e a validação emocional fazem parte de um cotidiano afetivo e enriquecido, emerge a necessidade de refletir sobre como esses elementos contribuem para o crescimento integral da criança. O brincar, especificamente, configura-se como uma das expressões mais significativas da afetividade no contexto familiar e educacional, por meio da qual a criança desenvolve a imaginação, a linguagem, a socialização e a resolução de problemas. Papalia e Feldman (2013) observam que o brincar oferece um contexto ideal para o

desenvolvimento cognitivo e socioemocional, permitindo que a criança experimente regras, explore possibilidades e se relacione com o outro de forma segura e estruturada.

Além disso, a teoria sociocognitiva de Bandura (1986, 1989) contribui para essa discussão ao evidenciar que o comportamento infantil é fortemente influenciado pela observação de modelos. As atitudes dos pais, quando expressas por meio de afeto, incentivo e envolvimento, constituem modelos significativos que moldam padrões de pensamento e ação nas crianças. Nessa perspectiva, o reforço intrínseco – como o sentimento de orgulho ao alcançar um desafio – surge como um potente mediador entre afetividade e cognição (Bee & Boyd, 2011).

É nesse cenário que se insere a presente pesquisa, que busca compreender o impacto da afetividade parental manifestada por meio de interações sensíveis e responsivas — popularmente conhecidas como tempo de qualidade — favorecendo o desenvolvimento cognitivo na primeira infância.

A escolha deste tema surgiu da observação recorrente de que muitas crianças que se destacam na mídia pelo seu desempenho intelectual não necessariamente possuem habilidades extraordinárias, mas, muitas vezes, vivem em contextos familiares marcados por afeto, reconhecimento e estímulo constante. A partir disso, emergiu o desejo de investigar, sob base científica, como esses elementos da afetividade parental influenciam diretamente o desenvolvimento cognitivo infantil, especialmente nos primeiros anos de vida.

A primeira infância é considerada um período crucial para o desenvolvimento humano, em que experiências afetivas, sociais e cognitivas contribuem significativamente para a formação da personalidade, da autonomia e das funções mentais superiores. Nessa fase, o papel dos pais ou responsáveis como mediadores do mundo externo torna-se fundamental, sendo suas práticas cotidianas – como o brincar, o diálogo, o incentivo, o acolhimento e a escuta – capazes de potencializar ou limitar o desenvolvimento da criança (Bowlby, 2002; Vygotsky, 1998; Bee & Boyd, 2011; Papalia & Feldman, 2013).

Segundo o documentário *O Começo da Vida* (Renner, 2016), a relevância social do estudo reside na possibilidade de contribuir para a conscientização de pais,

educadores, profissionais da saúde e da educação acerca da importância da construção de vínculos afetivos saudáveis e da oferta de tempo de qualidade à criança. Já do ponto de vista acadêmico, o trabalho busca colaborar com as discussões no campo da Psicologia do Desenvolvimento, promovendo um olhar ampliado sobre as interações entre afetividade, parentalidade e cognição na infância.

A fim de refletir sobre a temática, este estudo busca responder à seguinte pergunta norteadora: *Qual é a influência da afetividade parental, especialmente do tempo de qualidade, no desenvolvimento cognitivo (e social) de crianças na primeira infância?*

Além disso, ao considerar que o desenvolvimento cognitivo está entrelaçado às experiências afetivas e sociais, espera-se que este estudo possa incentivar práticas parentais mais responsivas e intencionais, e, conseqüentemente, favorecer o crescimento de sujeitos mais autônomos, seguros e preparados para lidar com os desafios da vida em sociedade.

Para tanto este trabalho tem como objetivo geral Investigar de que maneira a afetividade parental, manifestada especialmente por meio do tempo de qualidade, do incentivo e do reconhecimento, contribui para o desenvolvimento cognitivo de crianças na primeira infância. e objetivos específicos: Refletir sobre os impactos da ausência de estímulos afetivos no desenvolvimento cognitivo na primeira infância; Compreender como o tempo de qualidade, especialmente por meio do brincar, se relaciona ao desenvolvimento cognitivo infantil; Explorar como o envolvimento afetivo dos pais impacta o desenvolvimento cognitivo da criança e colabora para a formação de uma base emocional segura; Investigar como estilos parentais afetivos, caracterizados pelo reconhecimento e encorajamento no cotidiano familiar, contribuem para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança na primeira infância.

## **2 AFETIVIDADE PARENTAL E RELAÇÕES DE APEGO**

A afetividade parental constitui um dos pilares fundamentais do desenvolvimento infantil, influenciando diretamente a construção dos vínculos

afetivos, a segurança emocional e o modo como a criança se relaciona com o mundo. Segundo Bowlby (2002), o apego é uma tendência inata do ser humano para formar laços afetivos com figuras cuidadoras, sendo esse vínculo essencial para a sobrevivência e o desenvolvimento psicológico saudável. A qualidade desse apego — seguro ou inseguro — repercute no modo como a criança expressa emoções, lida com frustrações e estabelece relações interpessoais ao longo da vida.

A afetividade expressa pelos pais ou cuidadores se manifesta através do acolhimento, da escuta, da presença e da responsividade às necessidades da criança. Esses elementos funcionam como base segura para a exploração do ambiente e favorecem a autonomia, pois a criança que se sente amparada afetivamente tende a explorar o mundo com mais segurança e confiança (Bee & Boyd, 2011). Bandura (2011) complementa esse entendimento ao afirmar que as atitudes e comportamentos dos pais – como encorajamento, validação e cuidado – são aprendidos pelas crianças por meio da observação, o que ele define como aprendizagem observacional ou modelação. Através desse processo, a criança internaliza padrões emocionais e sociais, aprendendo não só o que os adultos fazem, mas também como se sentem e se relacionam.

Para Henri Wallon, o afeto não é apenas um componente complementar ao desenvolvimento cognitivo, mas sim um elemento constitutivo e organizador da personalidade infantil. O autor defende que os processos emocionais atuam em conjunto com os processos intelectuais desde os primeiros anos de vida, sendo a afetividade uma via indispensável para o surgimento e a consolidação das funções mentais superiores (Mahoney & Almeida, 2011). Papalia e Feldman (2013) também destacam a parentalidade democrática como o estilo mais promotor de desenvolvimento saudável, por equilibrar afeto, diálogo e expectativas claras.

Renner, em seu documentário *O Começo da Vida* (2016), observa que as experiências afetivas na primeira infância não apenas nutrem o emocional da criança, mas também impactam significativamente seu desenvolvimento cognitivo e social. Crianças que crescem em ambientes afetivos, nos quais há vínculo consistente e atenção às suas necessidades emocionais, desenvolvem-se de maneira mais integrada e saudável.

Assim, o vínculo afetivo estabelecido na relação entre pais e filhos se constitui não apenas como um elemento emocional, mas como uma base estrutural para o desenvolvimento global da criança. A afetividade parental fornece o suporte necessário para que a criança desenvolva habilidades sociais, emocionais e cognitivas, sendo o afeto o primeiro meio pelo qual ela aprende sobre si mesma e sobre os outros.

### **3 MEDIAÇÃO AFETIVA E ESTÍMULOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO**

Sob a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo da criança ocorre por meio das interações sociais mediadas, especialmente em contextos afetivos significativos. O autor defende que o aprendizado é um processo social, que precede o desenvolvimento e o impulsiona. Nesse sentido, a criança não aprende sozinha: ela se desenvolve por meio da mediação do outro – geralmente um adulto ou par mais experiente – que a auxilia a realizar tarefas que, num primeiro momento, ela não conseguiria executar de forma autônoma.

Esse conceito é representado pela Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), definida como a distância entre o que a criança é capaz de fazer sozinha (nível de desenvolvimento real) e o que ela pode realizar com o auxílio de outra pessoa (nível de desenvolvimento potencial). Vygotsky (1998) afirma que aquilo que uma criança realiza hoje com ajuda, amanhã será capaz de fazer sozinha, desde que estejam mantidas as condições de estímulo e apoio adequadas.

A mediação afetiva torna-se, assim, indispensável nesse processo. A criança precisa de um ambiente emocionalmente seguro para que possa explorar, imitar e internalizar comportamentos e conhecimentos. Como destaca Vygotsky, “as crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades [...] numa atividade coletiva ou sob orientação de adultos” (1998, p. 101). Isso demonstra que o afeto é mais do que um suporte emocional: ele é o canal pelo qual o desenvolvimento cognitivo é ativado e consolidado.

Bandura (2011) também enfatiza que a criança aprende valores, formas de resolução de problemas e padrões de autoavaliação a partir do comportamento observado nos adultos. Esse tipo de aprendizagem observacional contribui

diretamente para o desenvolvimento cognitivo e emocional, sendo mais eficaz quando ocorre em contextos afetivamente ricos e seguros. Segundo Papalia e Feldman (2013), a afetividade parental, especialmente quando exercida com responsividade e diálogo, favorece o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e da empatia — aspectos intimamente relacionados à cognição.

Além disso, a brincadeira surge como atividade central no desenvolvimento infantil, pois permite que a criança exerça a imaginação, elabore planos e simule situações da vida real, desenvolvendo, assim, competências cognitivas e sociais. Segundo Vygotsky (1998), “a criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo [...] o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança” (p. 122).

A esse entendimento soma-se a perspectiva de Wallon, que reconhece o brincar como uma expressão concreta da afetividade e da inteligência em desenvolvimento. Para ele, o jogo infantil está imerso em uma dimensão emocional, sendo, ao mesmo tempo, uma forma de expressão e construção do pensamento. Wallon ressalta que o desenvolvimento da criança é simultaneamente afetivo e cognitivo, e que a emoção é responsável por orientar a atenção, a memória e o interesse, atuando diretamente sobre os processos intelectuais (Mahoney & Almeida, 2011). Bee e Boyd (2011) também afirmam que a segurança emocional fornecida pela presença afetiva dos pais funciona como base para que a criança desenvolva sua curiosidade, criatividade e capacidade de aprendizado.

Por fim, Renner (2016) reforça que o tempo de qualidade oferecido pelas famílias, por meio de interações afetuosas e brincadeiras espontâneas, é um fator essencial para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e sociais na infância. A afetividade parental, portanto, não apenas sustenta o vínculo emocional entre pais e filhos, mas também atua como condição essencial para o desenvolvimento global da criança. O afeto se configura como uma ponte entre o emocional e o cognitivo — entre o sentir e o pensar — e deve ser compreendido como um elemento vital no processo de desenvolvimento infantil.

#### **4 METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão integrativa da literatura, metodologia que permite reunir, avaliar e sintetizar, de forma sistemática e abrangente, estudos anteriores sobre determinado tema, possibilitando ampliar a compreensão acerca do fenômeno investigado (Botelho; Cunha; Macedo, 2011).

As buscas foram realizadas nas seguintes bases de dados: SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e o Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Para a seleção dos artigos, foram utilizados descritores combinados com os operadores booleanos AND e OR, sendo as principais palavras-chave: *desenvolvimento infantil, pais, parentalidade*.

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos publicados entre os anos de 2015 e 2025; disponíveis na íntegra; redigidos em língua portuguesa (ou com versão disponível em português); que abordassem crianças na primeira infância (de 0 a 6 anos), sendo também considerados artigos com faixas etárias mais amplas, desde que apresentassem um recorte específico referente à primeira infância; e que apresentassem abordagem teórica ou empírica com discussões relevantes sobre a relação entre parentalidade, afetividade e desenvolvimento cognitivo infantil. Como critério de exclusão, foram desconsiderados estudos que não apresentassem relação direta com o tema proposto ou cuja metodologia não estivesse suficientemente clara.

**TABELA 1 ESTUDOS QUE FUNDAMENTARAM A ANÁLISE SOBRE O IMPACTO DA AFETIVIDADE PARENTAL NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Nº	Título do Artigo	Autores / Ano	Periódico (País)	Objetivo	Tipo de Estudo	Principais Resultados	Palavras-chave	DOI / Info
1	A importância da brincadeira no desenvolvimento intelectual e emocional da criança de 0 a 6 anos	Minari & Lima (2022)	REASE – Brasil	Analisar a importância da brincadeira para o desenvolvimento intelectual e emocional na infância	Revisão bibliográfica	Brincar é essencial para construção do aprendizado, mediação familiar é indispensável	Desenvolvimento infantil, Brincar, Família	<a href="https://doi.org/10.51891/rase.v8i8.6521">doi.org/10.51891/rase.v8i8.6521</a>
2	Brincar com o que não é brinquedo: explorar e vivenciar para o desenvolvimento infantil	Souza (2023)	REASE – Brasil	Explorar os benefícios do brincar com objetos não convencionais	Revisão bibliográfica	Brincadeiras com objetos não convencionais favorecem criatividade, autonomia e habilidades emocionais	Desenvolvimento infantil, Brincadeira, Objetos não convencionais	<a href="https://doi.org/10.51891/rase.v9i5.9942">doi.org/10.51891/rase.v9i5.9942</a>

Nº	Título do Artigo	Autores / Ano	Periódico (País)	Objetivo	Tipo de Estudo	Principais Resultados	Palavras-chave	DOI / Info
3	Compreendendo a relação da família com o crescimento e desenvolvimento infantil	Souza, Felipe & Gradim (2019)	Rev. Fund. Care Online – Brasil	Identificar evidências sobre o papel da família no crescimento e desenvolvimento infantil	Revisão integrativa	Práticas familiares inadequadas podem comprometer o desenvolvimento; presença ativa é fator protetivo	Crescimento, Desenvolvimento, Relações familiares	doi:10.9789/2175-5361.2019.v11i3.694-699
4	Crenças parentais sobre práticas do cuidado e suas influências no desenvolvimento infantil	Souza & Barbosa (2021)	Revista Saúde (Sta. Maria) – Brasil	Analisar estudos sobre crenças parentais nas práticas de cuidado e seus impactos	Revisão integrativa	Crenças influenciam práticas e desenvolvimento social, escolar e emocional da criança	Cuidados parentais, Relações pais-filho, Coerção	<a href="https://doi.org/10.5902/2236583442987">doi.org/10.5902/2236583442987</a>
5	Impactos psicológicos da alienação parental no desenvolvimento infantil	Silva & Honorato (2024)	REASE – Brasil	Avaliar os efeitos da alienação parental e sugerir medidas de mitigação	Revisão bibliográfica qualitativa	Alienação provoca ansiedade, depressão e dificuldades de socialização nas crianças	Alienação parental, Desenvolvimento infantil, Impactos psicológicos	<a href="https://doi.org/10.51891/rease.v10i12.17310">doi.org/10.51891/rease.v10i12.17310</a>
6	O apego em crianças que passam a primeira infância em creches	Cunha, Melo & Netto (2022)	REASE – Brasil	Investigar a formação do apego em crianças que frequentam creches	Revisão bibliográfica	Ausência dos pais pode gerar apego inseguro e dificuldades na exploração e vínculos	Criança, Primeira infância, Creche, Apego	<a href="https://doi.org/10.51891/rease.v8i3.4609">doi.org/10.51891/rease.v8i3.4609</a>
7	Perspetivas parentais sobre o contributo do brincar no desenvolvimento da criança	Rodrigues & Galvão (2014)	INFAD – Espanha	Conhecer a perspectiva de pais sobre a importância do brincar de 0 a 3 anos	Qualitativo descritivo	Pais reconhecem o brincar como essencial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social	Criança, Brincar, Pais, Desenvolvimento infantil	doi:10.17060/ijodaep.2014.n1.v1.350
8	Relação entre práticas parentais e marcos do desenvolvimento motor no primeiro ano de vida	Ribeiro et al. (2018)	Rev. Pesq. Físio – Brasil	Verificar a relação entre práticas parentais e desenvolvimento motor no 1º ano	Transversal exploratório	Práticas como dar brinquedos variados e estímulos favorecem marcos motores	Desenvolvimento infantil, Relações pais-filho, Destreza motora	doi:10.17267/2238-2704rpf.v8i3.1836
9	Relações entre Parentalidade e Funções Executivas: uma revisão	Souza et al. (2021)	Estudos e Pesquisas em Psicologia – Brasil	Analisar práticas parentais e funções executivas de crianças de 0 a 13 anos	Revisão sistemática	Parentalidade afetuosa se relaciona com funções cognitivas como memória e controle inibitório	Relações familiares, Desenvolvimento infantil, Funções mentais	doi:10.12957/epp.2021.59386
10	Um olhar sobre a importância do brincar e o impacto do uso da tecnologia nos relacionamentos e nas brincadeiras durante a infância	Petri & Rodrigues (2020)	Research, Society and Development – Brasil	Analisar a importância do brincar e o impacto da tecnologia na infância	Revisão bibliográfica	Uso excessivo de tecnologia compromete vínculos afetivos e qualidade das brincadeiras	Interação, Lúdico, Tecnologia	doi:10.33448/rsd-v9i9.7368
11	As consequências emocionais da exposição de telas digitais em crianças de 2 a 6 anos	Nishi & Silva (2023)	REASE – Brasil	Analisar as implicações do uso de tecnologias por crianças de 2 a 6 anos, com foco nos prejuízos ao desenvolvimento físico, psíquico e cognitivo	Revisão de literatura	Excesso de telas prejudica cognição, sono, linguagem, atenção e interação familiar. Pais são mediadores essenciais.	Telas; Psicologia; Infância	<a href="https://doi.org/10.51891/rease.v9i7.10379">https://doi.org/10.51891/rease.v9i7.10379</a>

12	Efeitos da exposição excessiva de telas no desenvolvimento infantil	Lima et al. (2023)	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences – Brasil	Compreender os efeitos do uso de tela no desenvolvimento infantil: psíquico, social, cognitivo e emocional	Revisão sistemática	Atrasos na fala, comportamento, sono; supervisão melhora desenvolvimento; uso educativo pode ser benéfico	Dispositivos digitais; Crianças; Tempo de tela; Desenvolvimento	<a href="https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p2231-2248">https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p2231-2248</a>
13	Implicações no desenvolvimento comportamental e emocional em crianças devido ao uso excessivo de dispositivos eletrônicos	Knupp et al. (2024)	REASE – Brasil	Analisar impactos do uso excessivo de dispositivos eletrônicos no desenvolvimento neuropsicológico, emocional e social de crianças	Revisão integrativa	Problemas de sono, ansiedade, concentração; sedentarismo e obesidade; necessidade de limites e políticas públicas	Comportamento infantil; Tempo de tela; Desenvolvimento infantil	<a href="https://doi.org/10.51891/rease.v10i10.16016">https://doi.org/10.51891/rease.v10i10.16016</a>

Fonte: Autora desta pesquisa (2025)

Após a leitura dos títulos e resumos, os artigos que atenderam aos critérios foram lidos integralmente e selecionados para compor o corpus da análise. A sistematização do material foi realizada com apoio da *tabela PRISMA adaptada*, contendo informações como título, autores, periódico, objetivo, tipo de estudo, principais resultados, palavras-chave e DOI. Em seguida, os artigos foram analisados com base na *técnica de análise de conteúdo temática* (BARDIN, 2011), sendo organizados em categorias conforme os objetivos específicos da pesquisa.

Além dos artigos científicos, foram utilizados como referencial teórico os seguintes livros: *Apego: a natureza do vínculo* (Bowlby, 2002), *A formação social da mente* (Vygotsky, 1998), *A criança em desenvolvimento* (Bee & Boyd, 2011), *Desenvolvimento Humano* (Papalia & Feldman, 2013), *Henri Wallon: Psicologia e Educação* (Mahoney & Almeida, 2011), bem como o documentário *O Começo da Vida* (Renner, 2016). A partir da leitura e fichamento do material, foram elaboradas as análises críticas articulando os achados empíricos com os referenciais teóricos, estruturadas conforme os quatro objetivos específicos desta pesquisa.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos 13 artigos selecionados por meio da revisão integrativa revelou que a afetividade parental exerce influência significativa no desenvolvimento cognitivo infantil, especialmente durante a primeira infância. Tal constatação se alinha aos pressupostos da teoria do apego de Bowlby (2002), que sustenta que crianças emocionalmente seguras, por meio de vínculos consistentes com figuras de

apego, sentem-se mais livres para explorar o ambiente e, conseqüentemente, aprender com ele. A presença afetiva, traduzida em ações como acolhimento, responsividade, reconhecimento e incentivo, configura-se como uma base segura que sustenta tanto a construção da autoestima quanto o avanço de habilidades cognitivas e sociais (Bee; Boyd, 2011; Mahoney; Almeida, 2011).

Diversos artigos destacaram a importância da brincadeira como mediação afetiva, demonstrando que o brincar, quando ocorre em contextos de envolvimento emocional e interação ativa com os pais, favorece o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da autorregulação, da empatia e da resolução de problemas. Isso é evidenciado em estudos como os de Minari e Lima (2022), Rodrigues e Galvão (2014), Souza (2023) e Petri e Rodrigues (2020), os quais apontam que a ludicidade, além de contribuir para o bem-estar emocional, cria oportunidades de aprendizagem complexas por meio da vivência de regras, da experimentação simbólica e da cooperação. Esses achados estão em consonância com as proposições de Vygotsky (1998), que compreende o brincar como uma atividade central no desenvolvimento, capaz de estimular as funções mentais superiores por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Diversos artigos destacaram a importância da brincadeira como mediação afetiva, demonstrando que o brincar, quando ocorre em contextos de envolvimento emocional e interação ativa com os pais, favorece o desenvolvimento da linguagem, da imaginação, da autorregulação, da empatia e da resolução de problemas. Isso é evidenciado em estudos como os de Minari e Lima (2022), Rodrigues e Galvão (2014), Souza (2023) e Petri e Rodrigues (2020), os quais apontam que a ludicidade, além de contribuir para o bem-estar emocional, cria oportunidades de aprendizagem complexas por meio da vivência de regras, da experimentação simbólica e da cooperação. Esses achados estão em consonância com as proposições de Vygotsky (1998), que compreende o brincar como uma atividade central no desenvolvimento, capaz de estimular as funções mentais superiores por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

Nesse sentido, destaca-se ainda o papel da mediação ativa dos pais nas interações cotidianas, sendo o tempo de qualidade um aspecto recorrentemente

discutido. A literatura analisada indica que esse tempo não se limita à presença física dos cuidadores, mas envolve uma presença ativa, caracterizada por escuta, troca afetiva, partilha de experiências, brincadeiras e incentivo ao pensamento crítico. Tais interações promovem o engajamento da criança, fortalecem sua curiosidade e contribuem para a construção da autonomia e da autoeficácia, conceitos fortemente trabalhados na teoria sociocognitiva de Bandura (2011). Segundo o autor, a aprendizagem observacional desempenha papel essencial no desenvolvimento infantil, sendo que crianças aprendem valores, atitudes e formas de resolver problemas ao observar os comportamentos dos adultos significativos em seu entorno.

Por outro lado, os artigos que abordam situações de negligência afetiva, institucionalização precoce ou exposição excessiva a dispositivos digitais (Knupp et al., 2024; Nishi; Silva, 2023; Lima et al., 2023) apontam para consequências negativas no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Em contextos marcados por ausência de estimulação, vínculos frágeis ou relações interrompidas, como nos casos de alienação parental ou institucionalização precoce, há maior risco de desenvolvimento de apegos inseguros ou ambivalentes (Silva; Oliveira, 2019), o que repercute na capacidade de autorregulação, atenção, empatia e na formação de uma autoimagem positiva (Bowlby, 2002; Papalia; Feldman, 2013). Isso evidencia que a privação afetiva precoce tende a comprometer a organização emocional da criança, prejudicando inclusive sua capacidade de aprendizagem e de relacionamento com o meio.

A análise dos estudos também revelou que, mesmo em famílias com boas condições socioeconômicas, a qualidade da interação é mais determinante do que os recursos materiais disponíveis. Como exemplificado no estudo de Ribeiro et al. (2018), práticas parentais simples, como colocar a criança no chão para explorar, oferecer brinquedos diversos e incentivar movimentos, apresentaram correlação direta com marcos do desenvolvimento motor e, por consequência, cognitivo. De forma semelhante, os estudos de Pacheco Souza (2023) e Knupp et al. (2024) indicam que o uso criativo de objetos não convencionais e a liberdade para imaginar e criar são estratégias que contribuem para o fortalecimento da autoestima, da linguagem e da resolução de problemas — o que reforça a ideia de que o

desenvolvimento cognitivo está intrinsecamente relacionado ao envolvimento afetivo e à liberdade de expressão simbólica, conforme argumentam Wallon (2007) e Vygotsky (1998).

Adicionalmente, os artigos evidenciam que os estilos parentais exercem influência decisiva sobre o comportamento e o desempenho cognitivo da criança. Como discutido por Baumrind (2013, apud Papalia; Feldman, 2013), o estilo parental democrático — aquele que combina afeto com exigência e estabelece limites com escuta ativa — é o que mais favorece o desenvolvimento da autonomia, da competência social e da autorregulação emocional. Essa abordagem parental aparece como pano de fundo nas práticas identificadas nos artigos analisados, especialmente aqueles que discutem a importância da responsividade, da validação emocional e da orientação consistente como promotores do desenvolvimento saudável.

Conforme discutido por Bee e Boyd (2011), crianças que crescem em lares afetivos e estruturados tendem a apresentar melhores resultados em testes de linguagem, QI e desempenho escolar, além de menor propensão a comportamentos antissociais. Essa evidência foi confirmada também no estudo de Alves et al. (2017), ao demonstrarem a relação entre práticas parentais responsivas e o desenvolvimento das funções executivas – como memória de trabalho, atenção e controle inibitório –, essenciais para o sucesso acadêmico e a adaptação social.

Em síntese, a análise crítica dos artigos selecionados confirma, de maneira robusta, que a afetividade parental – especialmente quando traduzida em tempo de qualidade, incentivo e reconhecimento – configura-se como um dos principais fatores de proteção e promoção do desenvolvimento cognitivo infantil. Os resultados analisados corroboram as proposições teóricas dos autores clássicos da Psicologia do Desenvolvimento e reforçam a relevância de se investir em práticas parentais sensíveis, intencionais e responsivas. Assim, torna-se evidente que o afeto não é apenas um componente emocional, mas uma condição estruturante para a construção de sujeitos autônomos, criativos e emocionalmente saudáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender de que maneira a afetividade parental, manifestada especialmente por meio do tempo de qualidade, do incentivo e do reconhecimento, contribui para o desenvolvimento cognitivo de crianças na primeira infância. A partir de uma revisão integrativa da literatura, foi possível observar que as relações familiares pautadas na responsividade, na escuta ativa e na presença afetiva favorecem a construção de vínculos seguros, essenciais para o desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança.

Ao longo da análise dos treze artigos selecionados, verificou-se que práticas parentais afetuosas, como o brincar compartilhado, o diálogo e o estímulo à autonomia, estão diretamente associadas ao fortalecimento das funções executivas, à ampliação da linguagem, à autoestima e à autorregulação da criança. A fundamentação teórica, ancorada nas obras de Bowlby (2002), Vygotsky (1998), Bee e Boyd (2011), Wallon (apud Mahoney & Almeida, 2011), Papalia e Feldman (2013) e Bandura (2011), evidenciou que o desenvolvimento cognitivo infantil é profundamente atravessado por experiências afetivas e por interações sociais de qualidade.

O documentário *O Começo da Vida* (Renner, 2016) reforçou essa compreensão ao ilustrar como ambientes acolhedores e vínculos responsivos potencializam o desenvolvimento das crianças, enquanto contextos marcados pela negligência afetiva, ausência de estímulo ou uso excessivo de tecnologia tendem a comprometer aspectos fundamentais da cognição.

Entretanto, o trabalho também evidenciou alguns limites importantes. O curto tempo disponível para a realização da pesquisa impôs restrições quanto à abrangência teórica e à inclusão de autores amplamente reconhecidos no campo do desenvolvimento infantil, como Jean Piaget, Erik Erikson, Donald Winnicott, Diane Baumrind, entre outros. Embora suas contribuições sejam inegavelmente relevantes, a escolha por centrar a análise em autores como Bowlby, Vygotsky, Wallon, Bandura, Bee e Papalia justifica-se pelo alinhamento entre suas proposições e os objetivos específicos deste estudo, além da necessidade de delimitação do escopo

diante do tempo e volume de material disponível. Uma abordagem mais ampla exigiria tempo e profundidade analítica compatíveis com estudos mais extensos, como dissertações de mestrado ou teses de doutorado.

Outro ponto observado refere-se à predominância de estudos focados na figura materna identificado na maioria dos artigos analisados. Embora os títulos frequentemente mencionem a “parentalidade”, é notável que o foco das investigações recai predominantemente sobre a figura materna, reduzindo a complexidade das configurações familiares contemporâneas. Houve também a ausência de estudos envolvendo casais homoafetivos, famílias ampliadas ou outras formas de organização parental que rompem com o modelo heteronormativo tradicional. Essa limitação revela a urgência de ampliar o olhar acadêmico sobre a diversidade das práticas parentais, reconhecendo que a qualidade do vínculo afetivo não está condicionada à estrutura familiar, mas sim à responsividade, ao cuidado e ao compromisso com o desenvolvimento da criança.

Diante disso, sugere-se que futuras pesquisas sobre o tema ampliem o recorte amostral e contemplem famílias em diferentes contextos socioculturais, estruturais e afetivos, de modo a garantir uma compreensão mais representativa e inclusiva da parentalidade na atualidade. Também seria relevante o aprofundamento sobre o papel dos estilos parentais (como os descritos por Baumrind), bem como investigações empíricas sobre práticas parentais de casais homoafetivos, pais solo e famílias com múltiplos cuidadores principais.

Por fim, espera-se que este estudo possa contribuir não apenas para o campo acadêmico, mas também para a conscientização de pais, responsáveis, educadores e profissionais da infância sobre a importância da afetividade parental como promotora do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças. Investir em relações significativas na primeira infância é promover um futuro mais saudável, sensível e humanizado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Albanisa Santiago. *Henri Wallon: Psicologia e Educação*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BEE, Helen; BOYD, Denise. *A criança em desenvolvimento*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BOWLBY, John. *Apego: a natureza do vínculo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CAVALCANTE, Lívia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83–102, abr. 2020. ISSN 1677-1168.

KNUPP, Antonio Jorge Ferreira et al. Implicações no desenvolvimento comportamental e emocional em crianças devido ao uso excessivo de dispositivos eletrônicos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, v. 10, n. 10, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i10.16016>. Acesso em: 9 jun. 2025.

LIMA, Thayná Bezerra et al. Efeitos da exposição excessiva de telas no desenvolvimento infantil. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 5, n. 4, p. 2231-2248, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p2231-2248>. Acesso em: 9 jun. 2025.

NISHI, Sandra Sayuri; SILVA, Diego da. As consequências emocionais da exposição de telas digitais em crianças de 2 a 6 anos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, v. 9, n. 7, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i7.10379>. Acesso em: 9 jun. 2025.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PETRI, Ivonilda Soares; RODRIGUES, Raquel Flores de Lima. Um olhar sobre a importância do brincar e a repercussão do uso da tecnologia nas relações e brincadeiras na infância. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, e326997368, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7368>. Acesso em: 9 jun. 2025.

RAMOS RODRIGUES, Lina José Dias; GALVÃO, Dulce Maria Pereira Garcia. Perspetivas parentais sobre o contributo do brincar no desenvolvimento da criança. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicologia*, v. 1, n. 1, p. 69-78, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17060/ijodaep.2014.n1.v1.350>. Acesso em: 9 jun. 2025.

RENNER, Estela. *O começo da vida. O começo da vida*. Maria Farinha Filmes, Fundação Bernard Van Leer, Instituto Alana e Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2016. 98 min. Disponível em: [O Começo da Vida \(Dublado\)](#). Acesso em: 6 de junho.

RODRIGUES, Elisangela; MINARI, Rosilene da Luz Morales. A importância da brincadeira no desenvolvimento intelectual e emocional da criança de 0 (zero) a 6 (seis) anos. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, v. 8, n. 8, ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i8.6521>. Acesso em: 9 jun. 2025.

SANTOS, Sandra Aparecida et al. Relações entre Parentalidade e Funções Executivas: uma revisão. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 8, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/parentalidade-e-funcoes>. Acesso em: 9 jun. 2025.

SOUZA, Lívia Barbosa Pacheco. Brincar com o que não é brinquedo: explorar e vivenciar para o desenvolvimento infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, v. 9, n. 5, mai. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i5.9942>. Acesso em: 9 jun. 2025.

SOUZA, Mylena de Oliveira; LIMA, Juliana da Silva. Compreendendo a relação da família com o crescimento e desenvolvimento infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE*, v. 8, n. 7, 2022. Disponível em: DOI: 10.9789/2175-531.2019.v11i3.694-699. Acesso em: 9 jun. 2025.

TEIXEIRA, Danielle de Oliveira et al. O apego em crianças que passam a primeira infância em creches. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, v. 11, n. 2, p. 60-72, 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.51891/rease.v8i3.4609>. Acesso em: 9 jun. 2025.

TORRES, Vanessa Cristina de Lima et al. Crenças parentais sobre práticas do cuidado e suas influências no desenvolvimento infantil. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, v. 13, n. 19, p. 61-76, 2021. Disponível em: DOI: 10.5902/2236583442987. Acesso em: 9 jun. 2025.

VIANA, Pollyanna Lopes et al. Relação entre práticas parentais e marcos do desenvolvimento motor no primeiro ano de vida. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, v. 24, n. 2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2238-2704rpf.v8i3.1836>. Acesso em: 9 jun. 2025.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.